

## Vias e Trajetos do Acompanhamento Terapêutico

*Resenha de A Rua como Espaço Clínico/Acompanhamento Terapêutico, organizado pela Equipe de Acompanhantes Terapêuticos do Hospital-Dia A Casa, São Paulo, Escuta, 1991, 247 p.*

Quando trinta e quatro profissionais se encontram reunidos em uma coletânea, abordam um tipo de prática clínica - o acompanhamento terapêutico - e se dispõem a ilustrar aquilo de que nos falamos, devemos prestar atenção: podemos estar diante não só de escritos sobre um assunto complexo, mas principalmente da oportunidade de nos aproximarmos um pouco mais de um movimento, de uma linha que vibra no campo social e que ressoa também em nossas práticas na área da saúde mental, seja nas instituições (públicas ou de iniciativa privada), seja em nossos consultórios particulares.

*A Rua como Espaço Clínico* traduz-se enquanto um livro que faz circular o universo intrincado da função do acompanhante terapêutico, em diferentes abordagens. Com isso ele coloca em discussão, entre outras coisas, os modos de tratamento de pacientes psicóticos.

De início, vale conhecer como essa coletânea chega em nossas mãos. Foi justamente a Equipe de Acompanhantes Terapêuticos do Hospital-dia A CASA - uma instituição com mais de uma década de experiência no atendimento a psicóticos - que tomou a iniciativa de realizar o 1º Encontro Paulista de Acompanhantes Terapêuticos, do qual resultou esse trabalho. E A CASA se abre, desta vez, para ir "às ruas" cumprir sua função, inclusive como agente viabilizador de troca de experiências e tentativas de produção de um saber. Instituições (paulistas e cariocas) e profissionais autônomos foram convidados a se reunir e a somar esforços, naquilo que parece ser o arrolar de questões que atravessam e tangenciam a construção de um lugar terapêutico notavelmente novo, até por isso ainda pouco teorizado, embora muito praticado.

O livro é composto de uma introdução e três partes. A introdução ficou a cargo de profissionais do Hospital-dia A CASA, que apresentam o trabalho praticado pela equipe dessa instituição. Esses profissionais nos contam primeiramente, numa perspectiva basicamente

foucaultiana, qual a visão que compartilham da "história da loucura": do louco, oráculo divino inserido no mundo antigo a fim de aproximar "os homens das ordens do Olimpo", ao psicótico de nossos dias, a quem se faz necessário ajudar a recobrar o direito ao respeito, à circulação e ao atendimento no campo social, após longo período de confinamento físico e negligência psíquica (Eliane Berger, Adriana Morettin, Leonel Braga Neto). Depois descrevem atentamente o acompanhamento terapêutico que praticam e que acabam por definir como "prática de saídas pela cidade, com a intenção de montar um 'guia' que possa articular o paciente na circulação social, através de ações, sustentado por uma relação de vizinhança do acompanhante com o louco e a loucura, dentro de um contexto histórico" (Maurício Porto, Débora Sereno, p. 31). Por fim expõem o conjunto de idéias e práticas, desde a criação dessa instituição, explicitando o modo de lidar com a psicose, com o psicótico, e apontando os seus operadores nessa tarefa: o atendimento num "regime de hospital-dia"; a psicanálise como "teoria básica de entendimento de toda a clínica"; os grupos como "dispositivo terapêutico básico"; o uso dos recursos de acompanhamento terapêutico, de atividades expressivas e de terapia familiar (Nelson Carrozzo). Tudo isso vai traçando afinal o feixe de relações que se põe à disposição para uma possível clínica de psicose, mostrando o que se faz necessário para *acompanhar* a prática do acompanhamento terapêutico. Já na introdução, portanto, somos participantes do intrincamento de uma complexa máquina institucional que é preciso colocar em movimento num trabalho cotidiano e processual.

Nas primeiras páginas de leitura já se torna pertinente postular a questão que Gregório Baremlitt irá problematizar, ao final da primeira parte, quando aponta para a dificuldade dos tra-

balhadores de saúde mental frente ao seu objeto de atenção. Falar em "objeto" pode parecer perigoso. Mas a psicose (e não o psicótico) é uma entidade clínica que inclui um saber, na medida mesma que se constitui como um foco de interesse do conhecimento e da intervenção terapêutica. É por aí que Baremlitt irá ressaltar as responsabilidades que o exercício desse saber impõe. Todo exercício de saber implica em um exercício concomitante de poder. Ao invés da recusa, impossível aliás, frente à assunção desse saber/poder, faz-se necessário assumi-lo e questioná-lo. Mas desde qual lugar? Do "(...) lugar do objeto do qual nos ocupamos, sendo essa ocupação, em primeiro lugar, a de defini-lo, de enquadrá-lo. Isso pode parecer estranho porque significa, em última instância, identificar-se com o nosso paciente, o que foi aprendido por todos nós como proibido ou desaconselhável" (p.80).

Considerar essa problemática como nodal nesse livro não é um exagero. Ela se amplia, na verdade, através de outras problemáticas ali colocadas. Afinal, a construção do perfil e da função do acompanhante terapêutico está alicerçada no saber a respeito da própria psicose. E esse saber não está dado, não é pronto. Como aponta César Ibrahim, em seu texto também na primeira parte, "(...) cabe aos acompanhantes a tarefa de pensar e aperfeiçoar o trabalho, recebendo contribuições de todas as áreas, porém, tendo a clareza de que só aos acompanhantes cabe o papel de investigação dessa prática" (p.49).

Ainda na primeira parte encontramos textos de Elisa Caramargo, Miriam Chnaiderman, e um último composto por Débora Sereno, Cláudia Aguiar e Leonel Mendonça. Todos apontam questões que remetem perfeitamente, mas sempre de maneira singular a essas reflexões iniciais.

Da segunda parte é possível pinçar a temática que reúne outros quatro textos: *a rua*. Mas o que se nota nos escritos é a pergunta de como podemos compreender a rua não apenas em sua dimensão geográfica. Ou seja, a necessidade de se considerar a rua na extensão de abertura ao *tal* campo social, enquanto um recurso que o psicótico também necessita (já que aos neuróticos isso jamais foi questionado) e ao qual tem direito, para poder (re)constituir suas possibilidades subjetivas não de doente, mas de pessoa e cidadão deste mundo; a rua como o espaço de circulação de que se lança mão para fazer transitar os campos de possíveis que essas subjetividades portam. Nessa direção e sentido parece se encontrar Isabel Marazina, quando escreve (a propósito dos textos que formam a segunda parte, escritos por Renata Caiáffa, Maria Regina Marques e Antonio Carlos Cesarino), que "(...) o lugar do acompanhante terapêutico é mesmo o lugar do extraterrestre, daquele que tenta, dentro do possível, derrubar o muro e sair com a loucura à rua, a loucura do paciente e a sua, e se expõem às numerosas articulações dessa situação, mas fazendo dela, dessa exposição, o seu lugar de potência" (p.122).

A clínica do acompanhamento terapêutico não é menos inquietante do que qualquer outra no universo da saúde mental. Mas obviamente, mesmo ainda muito recente, porta suas especificidades tanto em conquistas como em dificuldades. A terceira parte do livro é, exatamente, composta de nove relatos de experiências clínicas de profissionais com diferentes enfoques que testemunham tudo isso.

Esse livro pode ser tomado como um início de conversa e, quem sabe, seja esse um de seus maiores méritos.

### Mara Selaibe

Psicanalista, Membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae; docente do Curso de Formação de Coordenadores e Observadores de Grupo do Hospital-dia "A Casa".